



**WOLFF**



A Rocinha, vulgarmente apelidada de “a maior favela da América do Sul”, é o exemplo mais citado em qualquer estudo, documento ou livro que trate o tema favela. Talvez pela sua dimensão, ou também pela sua topografia, localização e acessibilidade, bem no meio do Rio, entre os bairros da Gávea e de São Conrado, ou quiçá ainda, pela sua impactante fotogenia. Quem por ela passe não consegue ficar indiferente.

Qualquer assíduo da auto-pista Lagoa-Barra, principalmente no sentido inverso, a Rocinha impõe-se, logo a partir do viaduto do Joá, como uma colossal colagem de Photoshop, criando “an urban presence of great aesthetic appeal” (HUGSD, 2003, 62). De noite, exala a graciosidade de um desmedido presépio, repleto de infinitas luzinhas.

À medida que se chega mais perto, a visão romântica estetizada é confrontada com a realidade materializada, concreta, física. E aparecem os primeiros sinais de imperfeição, de pobreza, de brutalidade, de cruzeza.

Assim, sendo a Rocinha um ícone carioca incontornável, para a qual até já se organizam passeios turísticos, e porque, após um estudo evolutivo do conjunto das favelas cariocas, era necessário completar a Prova com o estudo de um caso específico, a Rocinha afigurou-se, imediatamente, como a eleita.



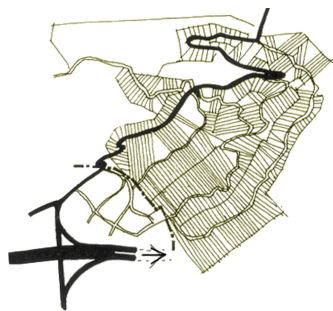
112. Viaduto do Joá, Rocinha, São Conrado, Vidigal e Morro Dois Irmãos



A Rocinha é um exemplo de como uma favela pode nascer decorrente do processo de expansão imobiliária da cidade. Primeiramente, era apenas uma fazenda distante, uma 'roça'. Em meados da década de 20, a expansão carioca avança para Oeste, desencadeando um processo de valorização fundiária daqueles terrenos, ligados ao Rio através, somente, da Estrada da Gávea. A partir de 1927, aquela zona é loteada. A empresa loteadora, Castro Guidas & Cia, viu o seu empreendimento embargado pela Prefeitura, por fugir às normas institucionalizadas. Os compradores e proprietários dos lotes, maioritariamente residentes no Jardim Botânico, não foram reembolsados, nem receberam as escrituras, ficando sem nenhum documento que atestasse a sua compra, ou seja, passam à ilegalidade. O caso foi para tribunal e estas terras nunca foram regularizadas, falando-se em interesses da Prefeitura em executar lá obras de interesse público (SILVA, 2005, 99 e DRUMMOND, 1981, 11). Entretanto, em 1937, a sociedade declara falência e o seu proprietário suicida-se.

O certo é que nada foi construído, a não ser barracos e mais barracos, numa favela que nunca mais parou de crescer: mil habitantes em 1940, 4 mil em 1950, 14 mil em 1960, 30 mil em 1970, 130 mil em 1977 (IBGE apud DRUMMOND, 1981, 11). Ao certo, ninguém sabe quantos habitantes tem hoje a Rocinha, há quem fale em 250 mil, há quem ache que não passam dos 70, 80 mil. De qualquer forma, terá uma população que ronda a de uma cidade média portuguesa. Segundo a Associação Comercial da Rocinha, a comunidade possui ainda: 2 500 estabelecimentos comerciais cadastrados, duas linhas de ônibus internas, dois bancos (Caixa Econômica e BANERJ), duas rádios e três jornais comunitários, uma escola de samba própria, quatro escolas municipais, uma agência de correios, dois postos de saúde, um canal de televisão por cabo<sup>38</sup> e, fala-se até, na existência de um Mc Donalds.

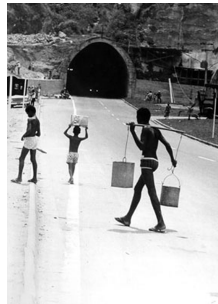
A Estrada da Gávea, que serpenteia a favela, era a grande ligação com a cidade propriamente dita. O Túnel Zuzu Angel, aberto em 1971, veio substituí-la e também dinamizar a zona de São Conrado, que começou a ser urbanizada em 1976 e, posteriormente, da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá. Os promotores imobiliários, com o intuito especulador, passam a ideia de que a Rocinha será retirada para que ali seja implantado um parque. Mas a Prefeitura rende-se às evidências: extinguir a Rocinha era completamente impossível.



113. Loteamento original, 1927

<sup>38</sup> <<http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=6804&cat=%C2%A0&ws=0>>





114 (pag. anterior), 115, 116 e 117. Rocinha, década de 60 e 70

A propósito da Rocinha, Didier Drummond<sup>39</sup> faz um estudo profundo sobre a história da comunidade e, principalmente, a evolução da habitação favelada, no seu livro *Architectes des favelas*, de 1981.

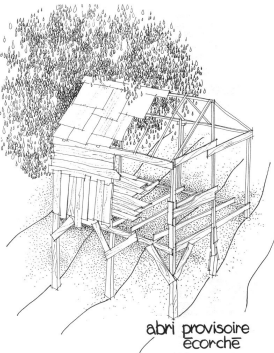
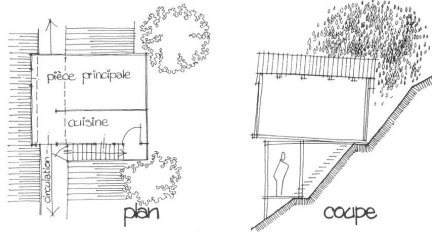
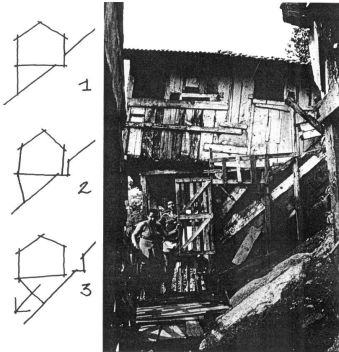
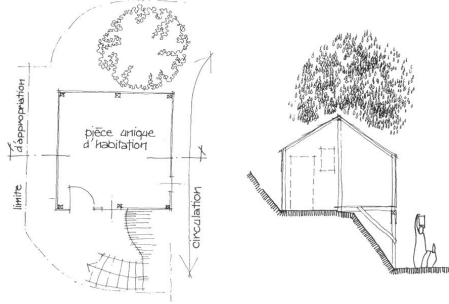
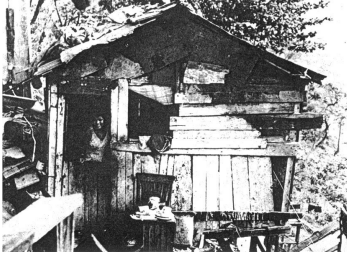
Como a evolução habitacional na favela é parte integrante da história das favelas cariocas, e como a informação recolhida por Drummond não mais está disponível em nenhuma favela brasileira, incluo, seguidamente, com as imagens do próprio autor, uma breve história da casa da favela, desde o abrigo precário, até à casa de alvenaria dos anos 80. Grande parte desta evolução e deste processo de melhoramento é fruto do grau de integração do favelado na cidade e também dos vários contextos, repercutindo-se nas várias formas de pensar e erguer a casa. Os materiais, a disposição interna, a maneira de encarar a privacidade, o espaço exterior, o número de divisões e de pisos, o aspecto formal, etc, são elementos que espelham o amadurecimento da favela carioca e dos seus habitantes.

Deste modo, o barraco da favela é uma “architecture évolutive” (DRUMMOND, 1981, 19), dado que se inicia na maior das precariedades e depois não mais pára de crescer e de se modificar. Como podemos ver pelas imagens 118 e 119, os abrigos iniciais têm, como finalidade primordial, criar um espaço e marcar o território. Os recursos escassos levam à pobreza óbvia e os detalhes arquitectónicos reflectem técnicas rurais, como por exemplo, a porta de dois batentes. O instinto edificante destes construtores leva-os a basearem-se numa ideia de casa pré-existente, geralmente na sua proveniência precedente, ou seja, no meio rural. A casa reflecte as suas características, por exemplo, uma preponderância da vida no exterior da habitação, relevando a interioridade.

No caso da imagem 118, o abrigo é uma única divisão, progredindo para o caso da imagem 119, onde a cozinha já é independente e faz parte da casa enquanto espaço interior, assumindo, também, o papel de entrada. A nível construtivo, vemos uma grande tendência para o escorregamento, devido a erros estruturais, provenientes de uma imaturidade

<sup>39</sup> O arquitecto francês Didier Drummond dedicou vários livros ao estudo das favelas cariocas.

compreensível neste domínio. As janelas são colocadas seguindo a intenção prática de vigiar o acesso à habitação, embora haja duas entradas, uma em cima e outra em baixo.



118, 119 e 120. Abrigos

Alguns barracos estavam neste estádio quando Goulart (1957) fez trabalho de campo nas favelas cariocas, em meados da década de 50. O resultado foi o seu livro *Favelas do*

*Distrito Federal*, verdadeiro reflexo da vaga de estudos que sucedeu o Censo de 1950. Acerca das características habitacionais, podemos concluir que a descrição se inclui no nível evolutivo baptizado por Drummond como abrigo. Seguem excertos dessa descrição:

“O aspecto externo dos barracos é realmente bizarro. As aberturas laterais são fechadas com materiais dos mais variados, tais como tábuas, flandres, zinco e, em alguns casos, palha ou lona. O desajustamento e desuniformidade do material empregado no emparedamento dos barracos é que dão a estes um aspecto grotesco. As tábuas, dos mais variados tamanhos e formas, impedem uma conjugação perfeita, deixando fendas, que são tapadas por outros pedaços de qualquer um dos materiais empregados na construção, super-postos. As portas e janelas são de tábuas, sendo que nem todos possuem outra entrada de luz e ar que não as frestas e a porta. Para a cobertura, o material mais usado é o zinco, seguido da madeira e da telha. Em alguns casos a cobertura é de lona ou de outros materiais, com esta recobertos.

Quando situado fora das aglomerações, que lhe deformam a fisionomia, o barraco, solto no meio de um pequeno terreno, tem como que um aspecto risonho... (...) Por outro lado, o aglomerado de barracos elimina qualquer aspecto lírico, deixando a impressão constrangedora de miséria e de absoluta falta de higiene.

Nos morros, a via ou vias que serpenteiam entre os barracos são de difícil acesso, estreitas e íngremes, de pedras ou degraus picados no solo, extremamente escorregadios durante as chuvas. Esses caminhos, dada sua estreiteza, entre as filas de casebres, quase não recebem a luz do Sol” (GOULART, 1957, 28).

No que diz respeito ao tamanho dos barracos, Goulart complementa a informação sugerida por Drummond:

“A área ocupada por um casebre é variável, dependendo, como nos foi informado “in loco”, das condições financeiras do seu proprietário (...) Na sua grande maioria, a dimensão dessa área está situada entre seis a nove metros quadrados, externamente (...) Considerando que as paredes de tais habitações são, no máximo, simples tábuas de poucos centímetros de espessura, a área externa de um barraco corresponde, de modo geral, à sua área interna (...) Internamente o barraco é um milagre de aproveitamento de espaço. Observamos que o dormitório e a cozinha são as peças comuns (...) Situadas lado a lado, separa-as uma simples cortina (...) Em virtude da exiguidade de espaço e do desconforto o favelado só permanece no interior da moradia para comer e dormir. Grande parte dos afazeres domésticos, como a lavagem de roupa, de pratos e panelas, a costura à mão e, não muito raro, a própria preparação dos alimentos, é praticada na parte externa do barraco” (GOULART, 1957, 29-30).

Drummond resume assim este primeiro estágio evolutivo, a que chama abrigo, e as suas condicionantes:

“Pour dépasser les contraintes qu’il doit affronter, le favelado doit faire preuve d’une extraordinaire capacité d’adaptation et d’imagination constructive. La contrainte majeure est la nature du sol et sa forte pente; le migrant doit tout d’abord se mettre en quête d’une parcelle relativement plane; ensuite, il se procure des matériaux de construction à travers la ville (...) Enfin, le favelado doit tenir compte de la présence de voisins et (...) il construit très vite avec l’aide de sa famille et de ses voisins une première structure provisoire pilotis + sol + toiture qui sera par la suite quotidiennement renforcée et améliorée (...) l’organisation spatiale du premier abri provisoire est dictée par la misère et les habitudes rurales” (DRUMMOND, 1981, 20).

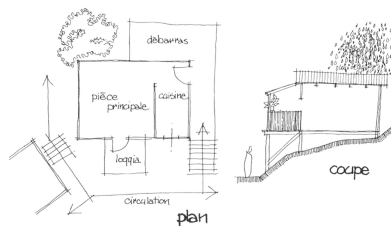
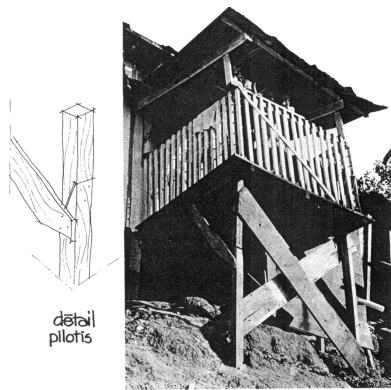
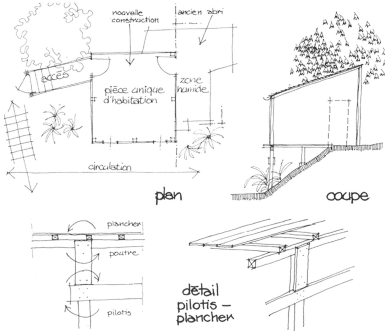


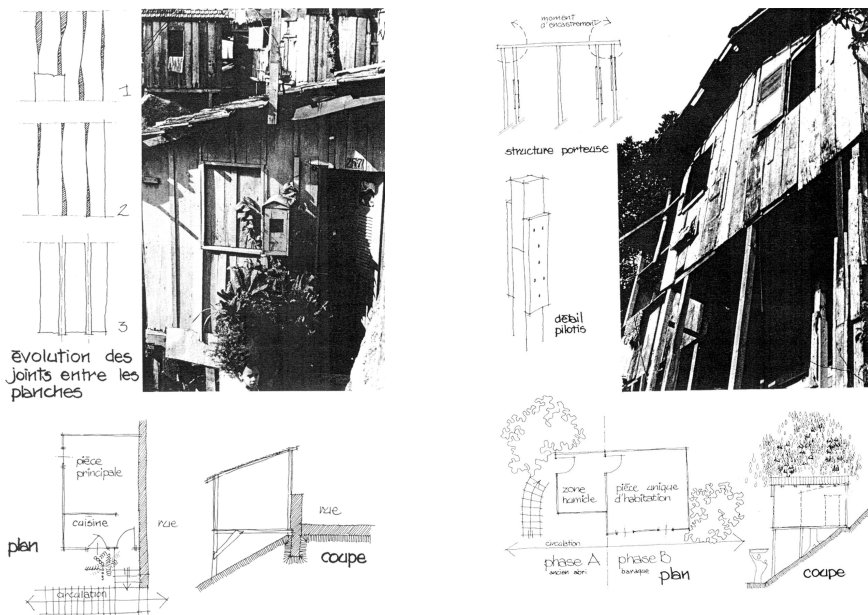
A passagem do abrigo para o barraco dá-se a partir dos melhoramentos e aperfeiçoamentos posteriores, como a divisão interna dos espaços, a substituição de elementos, a solidificação da estrutura e o acrescento de detalhes. Tudo ao longo de algum tempo, porque é fruto da poupança do favelado e da consolidação da sua integração no meio urbano.

Depois de certo período a viver na favela, o favelado perde a esperança de sair dali, pois compreende a dificuldade em arranjar um bom emprego que lhe permita mudar-se para uma casa arrendada no *asfalto*. Simultaneamente, constata as facilidades que a favela lhe dá, ao dispensar o pagamento de aluguer e ao estar perto de tudo. Entretanto, começa a criar laços de vizinhança e de parentesco na comunidade, mais fortes com a chegada de mais pessoas da mesma origem, inclusive familiares. As redes solidárias, assimiladas na ruralidade, começam a sobreviver e a vincarem-se com o desenrolar do tempo. O favelado dá, então, a sua permanência na favela como uma certeza e, à medida das suas possibilidades, começa a melhorar o seu abrigo, transformando-o num barraco. Sobre as bases do abrigo, ele trata de transformá-lo, reorganizá-lo, aumentá-lo... ao longo de três etapas: madeira, madeira e tijolo, e tijolo e cimento.

Nos quatro exemplos seguintes (imagens 121, 122, 123 e 124) muitas modificações se verificam. Em primeiro lugar, o aspecto exterior está mais cuidado, as peças estragadas foram substituídas e há a introdução de símbolos, já claramente urbanos.

116





123 e 124. Barracos

Na imagem 121, as águas da chuva passam agora a ser recolhidas por uma caldeira e direccionadas para um reservatório. Assim, ao mesmo tempo que se alivia parte do trabalho diário de busca e transporte de água, anula-se o seu efeito destrutivo na base dos pilotis. A solidarização destes com o soalho, principal fraqueza anterior, é agora melhor resolvida, como mostra a ilustração. A entrada é marcada e a propriedade delimitada, as janelas já têm portadas. A grande mudança está na interiorização dos espaços exteriores. Cada vez mais passam a ser integrados na estrutura física, concreta da habitação.

No segundo barraco (imagem 122), o contraventamento da estrutura é feito em cruz, para sustentar os pilotis de uma varanda, imagem retirada do *asfalto*, materialização da cidade. O esgoto é lançado por um tubo para um carreiro, paralelo ao dos pedestres.

Na imagem 123, as incorporações urbanas são, todavia, mais fortes: portadas e porta *standart*, electricidade e número na porta. Outras aquisições são electrodomésticos e móveis, para maior conforto interior, gerando um grande contraste interior/exterior. Isto deve-se à pressão existente de demolição iminente, o que faz com que se aposte em bens deslocáveis e não tanto na habitação, que poderá ser um investimento perdido.

No último caso, imagem 124 o problema dos pilotis está ainda melhor resolvido, dado que foi aumentada a sua aderência à rocha, bem como a sua resistência pela sobreposição de peças laterais. Porém, quando questionado pelo autor acerca do contraventamento da estrutura, o favelado/construtor não sabe explicar:

“L’habitant interrogé a été incapable d’expliquer la raison de son parti constructif

autrement que par la phrase souvent répétée: «pour tenir, c'est comme cela que ça doit être» ... Les gestes sont ici réflexes de bâtisseurs” (DRUMMOND, 1981, 40).

Este desconhecimento do porquê das técnicas utilizadas, faz ressaltar o empirismo do acto construtivo, e ilustra a pergunta iminente: como é que alguém, sem um pensamento explícito a nível arquitectónico, constrói um abrigo num terreno sem intervenções humanas? Um arquitecto pensaria muitas vezes no como. Os favelados são guiados, menos pelas perguntas e mais pelo instinto construtivo, existente desde o primeiro homem a habitar a Terra: abrigar-se. Depois, o terreno dita diferentes soluções, e a disponibilidade dita os materiais empregues. As favelas são, assim, um exemplo de reacção do Homem perante a necessidade habitacional primária, onde a criatividade é um trunfo fulcral. Por isso, elas podem ser grandes professoras de arquitectura, reservatórios de saber inato e empírico, contentores de respostas e não de perguntas, de prática e não de teoria, e aí, reside uma das suas mais-valias no estudo da Arquitectura na contemporaneidade.

“L'intérêt que peut porter un architecte pour des bidonvilles peut paraître ridicule, voire totalement déplacé si ce même architecte a l'outrecuidance d'affirmer qu'il est allé dans une favela apprendre l'architecture qu'aucune école n'était capable de lui enseigner et que, de fait, il y a appris à comprendre loin de tout académisme et de toute mode bavarde quelques règles élémentaires que pouvait lui enseigner une architecture de survie, simplifiée à l'extrême et où le moindre geste constructif est empli d'une signification lourde, vitale, essentielle” (DRUMMOND, 1981, 4).

118

Reschilian (2004), na sua tese de doutoramento pela FAUUSP, retoma este tema tão interessante, que é a construção na favela. O autor recolhe depoimentos do processo construtivo junto de moradores da favela, e expressa-os em discurso directo. Transcrevo alguns exemplos:

“Eulália: ‘o meu marido nunca tinha feito nenhum barraco. Nunca tinha feito nada de construção. Mas ele foi obrigado a fazer’ ” (RESCHILIAN, 2004, 153);

“Nelson: ‘O terreno é inclinado. Aí eu trabalhei bastante para acertar aqui. A parte de lá era bem mais inclinada. Tirava toda a terra, às vezes eu levantava às quatro horas da manhã, quando era seis horas e ia para o serviço. Aplainei direitinho e aí construí esses dois cómodos. Eu fiz um rascunho e para a casa do meu sogro eu também fiz. Eu fiz um rascunho porque e para o futuro ia sair uma escada. Fiz um desenho, pois só olhando pode ver, a estrutura foi muito bem feita. Em cada distância de pilar toda a volta, e tem três metros para baixo, de fundação. É de broca e depois vem a sapata que amarra a gaiola quadrada com a ferragens” (RESCHILIAN, 2004, 156);

“Moisés: “Quando eu vim para cá o meu irmão tinha construído dois comodozinhos de madeira. Eu vim ver aqui e achei muito pequeno. E falei, eu vou fazer uns três cómodos de material. Fiz três cómodos. De ver os outros fazer eu falei: eu acho que eu vou fazer assim também que dá certo. Então, como eu estou aprendendo, eu vou fazer na minha casa, se ficar torto, é na minha casa e não tem o que falar dos defeitos. Se eu faço uma casa que pego de empreitada, a pessoa vê que tem muito defeito e a gente não é pedreiro profissional. Fiz por etapas. Fiz primeiramente três cómodos pequenos, depois eu fiz mais dois cómodos. Depois minha filha veio morar aqui e eu aumentei mais dois cómodos grandes. Aí resolvi



ampliar o resto do terreno que estava vago e fazer esta área aqui onde a gente está e aumentei mais o quintal, fiz uns aterros. Eu fiz um quintal bem grande para a gente ficar com mais espaço. Eu fiz isso aqui, pensando que eu quero levantar uma casa para cima daqui. Levantar um sobradinho. Eu vou fazer uma estrutura bem boa aqui em baixo, pensei. Furei várias brocas de mais ou menos cinco metros de profundidade. Fiz as sapatas de ferro e essa estrutura aqui para levantar a casa em cima. Fiz só de olhar, teve lugar que ficou fora de esquadro, mas sendo a primeira que a gente faz..." (RESCHILIAN, 2004, 157).

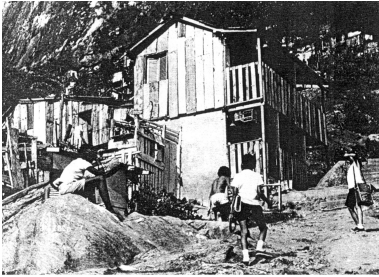
Segundo Drummond, em 1980, 60% das casas da Rocinha ainda eram de madeira (DRUMMOND, 1981, 42). Lentamente, todos os abrigos se transmutam por aumentos sucessivos, anexação de espaços exteriores e remodelação dos interiores, principalmente a nível da compartimentação interna, que passa de uma divisão, a duas, com funções díspares. A mudança também se prende com a troca gradual das referências rurais pelas urbanas, e pelo início da verticalização.

Nos exemplos das imagens 125 e 126, dá-se outra significativa metamorfose. Ainda em fase de transição, o caso da imagem 125 possui o piso superior em estrutura de madeira, sobre um piso térreo em tijolo, embora sem eficaz união entre os dois sistemas, gerando pouca estabilidade. A organização interna está muito alterada: o espaço de trabalho tem agora lugar numa varanda coberta, de estilo colonial; a estratificação divide as funções – espaço de noite e de dia, de descanso e de trabalho, privado e público. A privacidade repercute-se na presença dos dois quartos separados, individuais. A cozinha autonomiza-se como divisão e deixa, definitivamente, o papel de recepção. Inaugura-se uma nova distribuição interna, muito urbana, embora, a nível construtivo não haja nada de novo. Outra novidade, verdadeira instituição na casa da favela, e que já nesta época está presente, é o avanço do piso superior sobre o inferior, criando o célebre *puxadinho* para ganhar algum espaço.

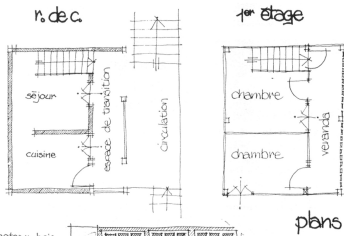
O caso da imagem 126, inaugura a 3ª geração de barracos, que deixam irreversivelmente a madeira, passando, ambos os pisos, para tijolo e cimento. Drummond constata que é no Bairro Barcelos, o mais antigo da Rocinha e o principal, onde esta mudança se verificou inicialmente. Ao invés das anteriores coberturas, a construção em tijolo é agora encimada por uma laje plana em concreto, gerando um espaço de terraço. Esta inovação obriga as fundações a serem mais fundas e a estrutura mais resistente. Portas, janelas e portadas, já estão completamente integradas na lógica industrial.

O intuito primordial dos habitantes, ao construir um segundo piso, é o seu aluguer a famílias vindouras, grandemente exploradas com rendas altíssimas, por isso a grande independência que, normalmente, há entre os dois pisos. O andar inferior é uma sucessão de divisões ao longo do corredor, ao fim do qual há uma escada para o segundo andar. Já existe algum grau de infra-estruturação urbana, principalmente no esgoto, encaminhado para um colector, situado no meio da rua, sob o asfalto, desembocando, depois, numa fossa ao ar livre.

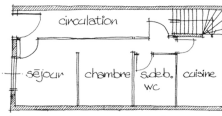
Esta foi a última fase de evolução da habitação, seguindo melhoramentos e necessidades imediatas. Daqui em diante, será uma tentativa de cópia das classes do *asfalto*, ao qual querem pertencer.



façades

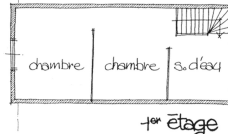


plans



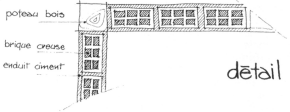
n. de c.

plans types



1er étage

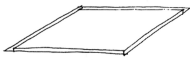
maison en dur



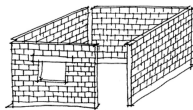
détail d'angle

120

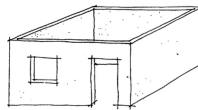
125 e 126. 3ª geração de barracos (alvenaria)



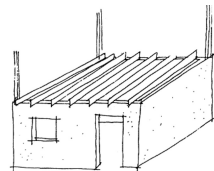
coulage d'un radier



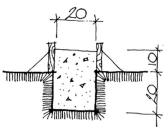
montage des murs



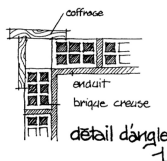
coulage des poteaux enduit



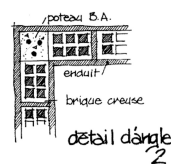
montage de l'étage



coupe sur fondation



détail d'angle 1



détail d'angle 2

127. 3ª geração de barracos, modo construtivo

	matériaux	plan type	traitement • eau • electricité • évacuation	équipements
1			 transport par bidon. point d'eau collectif	stockage dans des bidons
ABRI			 évacuation directe des eaux usées égout naturel	• feux de bois • réchaud à gaz
		LIMITE DE LA DÉPENDANCE		
2			 transport par bidon. point d'eau collectif	• stockage dans des bidons • citerne éternit
BARAQUE			 débüt d'installation	• éclairage domestique
			 canalisation jusqu'à l'égout à l'air libre	• évier cuisine
		LIMITE DE LA DÉPENDANCE		
3			 branchement à un réseau eau cour ante	• citerne éternit
BARAQUE			 branchement à un réseau	• frigidaire • télévision
			 canalisation jusqu'à l'égout à l'air libre	• évier cuisine • cuvette wc
		LIMITE DE LA DÉPENDANCE		
4			 branchement à un réseau eau cour ante	• citerne éternit
MAISON			 branchement à un réseau	• frigidaire • télévision...
			 canalisation jusqu'à l'égout couvert	• évier cuisine • cuvette wc • lavabos



Para complementar a evolução dos materiais, note-se que, nos anos 80, já é frequente a casa de alvenaria dentro da favela (REINACH, 1980, 75), embora a maioria continue a ser em madeira. Relato de um estagiário de Arquitectura da época explica-nos a questão subjacente às construções neste tipo de material:

“Alguns moradores vinham nos perguntar quanto à permissão para se construir de bloco no novo loteamento. Nós sabíamos que um barraco de madeira custava muito mais caro que um equivalente de bloco (já que a mão de obra era do próprio favelado). E sabíamos, também o quanto é melhor uma construção de alvenaria. O problema seria a população do entorno. Pois um barraco de madeira é sempre uma construção provisória que ‘um dia’ será removida dali. Mas uma casa de bloco já é uma coisa definitiva, uma provocação até. A invasão daquela área já se mostrava uma coisa complicada de ser aceita pela população do entorno. Casas de alvenaria já seriam demais” (REINACH, 1980, 136-7).

Depois de uma análise da unidade habitacional, segue-se o estudo da evolução do conjunto da favela, sua implantação e organização.

Os dois factores determinantes na escolha do terreno para o assentamento, são a natureza do solo e o acesso. Para isso, os primeiros habitantes instalam-se nas parcelas o mais plano possível e, de preferência, com uma árvore, garantia de estabilização do solo. Os habitantes mais antigos aceitam os novos migrantes depois do limite do seu terreno, área decidida por todos, dado que, como nos espaços rurais, o espaço de influência da habitação é maior do que a construção propriamente dita. A delimitação dos espaços é feita, por exemplo, com vegetação, e representa a organização social primordial.

A composição criada, embora orgânica, não é aleatória. Os caminhos principais, como ilustra a imagem 129, são perpendiculares às curvas de nível, enquanto os de acesso às casas são-lhes paralelos. Também os abrigos se vão formando tendo o terreno como grande motor de regras, usualmente, no sentido das curvas:

“Les barraques se superposent par lits successifs et reproduisent en quelque sorte les courbes de niveau (...) Ainsi l’urbanisme de la Rocinha apparaît comme une expression, un prolongement de la naturalité du site” (DRUMMOND, 1981, 75).

Na fase inicial, a vegetação é mantida. Quando se passa do abrigo ao barraco, muitos espaços exteriores desaparecem e inicia-se o desmatamento. Com a densificação, todos os espaços vazios são reduzidos ou ocupados, incluindo os de circulação, e as árvores são, agora, quase inexistentes. A delimitação concreta da propriedade torna-se mais necessária e comum. Perante tal ocupação, os vindouros podem optar por escolher sítios mais altos, dado que a apropriação começa mais perto da cidade e só depois sobe o morro, ou menos planos. Começa um sentimento de propriedade mais consistente, espelhado numa maior demarcação espacial, quer física, quer mental. Os caminhos principais transformam-se em ruas ou escadarias, que cada morador compõe e constrói. Para garantir vantagens de estabilização, muitos barracos constroem-se adjacentes, e as novas implantações deixam de ter a natureza como guia, para ter os barracos existentes como referência.

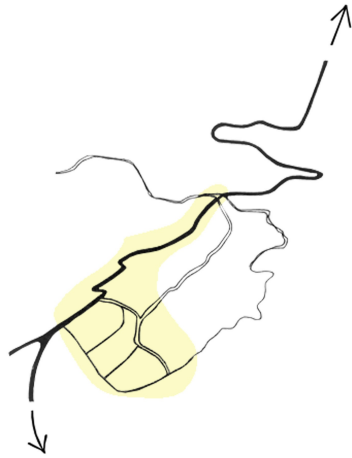
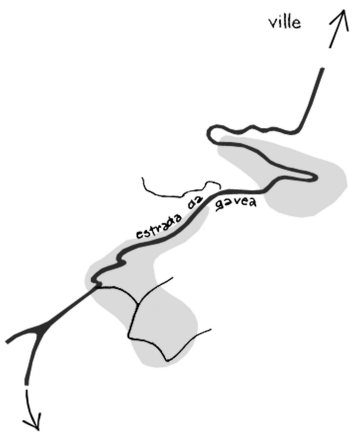


129. Esquema evolutivo

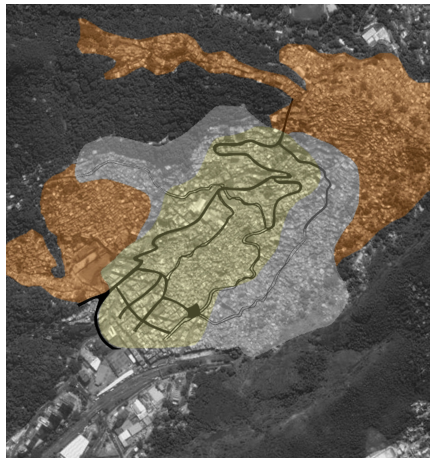
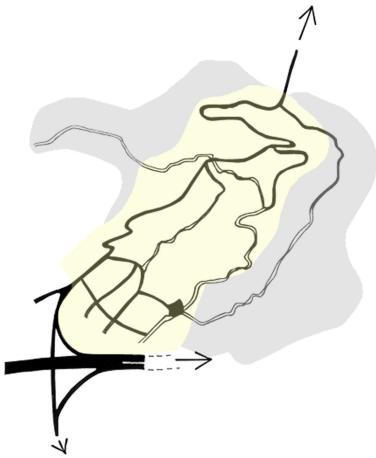
Enquanto, no alto, se levantam barracos, no sopé do morro já se constrói com tijolo e cimento. A densificação é maior e exige rentabilização do espaço, que se faz pela redução dos caminhos secundários e pelo avanço do segundo piso em relação ao primeiro. As sucessivas consolas, ou *puxadinhos*, formam autênticos túneis, com variações de altura. Com a exiguidade, as relações sociais de vizinhança ficam mais próximas, com as janelas e as portas sempre abertas, as varandas e os terraços. Deste modo, o modelo urbano que levava os favelados a querer construir a sua individualização, através da criação de limites, é dissolvido pela sobre ocupação, e os hábitos rurais são restabelecidos. A densidade populacional chega a valores exorbitantes. Drummond fala de 1,4 habitantes por  $m^2$  na zona baixa da Rocinha, na década de 80 (DRUMMOND, 1981, 72).

Deste modo, “fruit de nombreuses années d’effort, l’architecture de la Rocinha porte les traces de perpétuelles transformations qui expriment toujours le souci constant de traduire à travers chaque détail spatial et constructif une juste adéquation entre les besoins de l’habitant constructeur et les contraintes qui l’entourent. C’est sans doute une des raisons essentielles de la qualité et de la richesse architecturale des espaces créés” (DRUMMOND, 1981, 64).

Sintetizando, Drummond resume assim a evolução da organização da Rocinha: em 1930, a primeira ocupação foi feita sob a forma de abrigos, ao longo da estrada da Gávea e na zona plana no sopé do morro, onde surgiu a primeira rua (Rua do Boiadeiro), que não passava, na altura, de um caminho. Em 1950, a invasão aumenta substancialmente, chegando a população aos 15 mil habitantes (DRUMMOND, 1981, 72). Os abrigos precários restringem-se às zonas cimeiras, mais longínquas, e nas zonas baixas, estes são substituídos por barracos. A evolução faz-se de baixo para cima, acompanhando a Estrada da Gávea. Em 1980, todo o espaço é ocupado e a densidade cresce exponencialmente. O túnel Dois Irmãos dinamiza São Conrado, que passa a ser zona de luxo. Dentro da favela também nasce uma estratificação: favela baixa, mais rica e favela alta, muito mais pobre. Vejamos um breve esquema do que se acabou de dizer:



124







125



131 e 132. Rocinha, um século de evolução: 1900 e 2000

